

COMO UMA SOMBRA AO CORPO: A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO DE GRAMSCI EM JOSÉ ARICÓ (1956-1965)

LIKE A SHADOW OVER THE BODY: THE RECEPTION OF GRAMSCI'S THOUGHT IN JOSÉ ARICÓ (1956-1965)

MARCUS VINÍCIUS FURTADO DA SILVA OLIVEIRA

Pós-doutorando em História pela UNESP/Franca. É também mestre e doutor em História e Cultura Política pela mesma instituição, além de graduado em História pela UFTM. Professor da ESEBA/UFU.

RESUMO

O pensamento do intelectual e político Antonio Gramsci foi lido e utilizado em diversos sentidos ao longo do tempo. Isso ocorre em virtude dos modos pelos quais os escritos de Gramsci no cárcere foram produzidos e publicados. Elaborados de modo fragmentado, seus textos tornaram-se obra a partir das intervenções de intelectuais mediadores que impulsionaram determinadas imagens de Gramsci. Diante disso, o presente trabalho procura compreender como ocorreu a recepção do pensamento de Gramsci na Argentina a partir da atuação de José Maria Aricó. Não se trata de pensar os acertos ou equívocos da leitura de Aricó, mas de demonstrar como, a partir de um contexto histórico e político específico, o pensamento de Gramsci é recriado. Para tanto, elegemos como fontes históricas os primeiros escritos de Aricó, ainda nos 1950, até o encerramento da experiência com a revista *Pasado y Presente*, em 1965, marco da recepção de Gramsci na Argentina.

Palavras-chave: Gramsci; Argentina; José Aricó, Intelectuais; História Política; América Latina.

ABSTRACT

The thought of the politic and intellectual Antonio Gramsci was read and used in different ways over time. That occurs due to mold in wich Gramsci's prison writings were written and published. Produced in fragments, his texts became works from the actions of intellectual mediators that propelled certain images of Gramsci. That said, the present work aims to comprehend how the reception of Gramsci's thought occurred in Argentina parting from the action of José Maria Aricó. It is not about the exits or misconceptions on Aricó's interpretation, but it is about to demonstrate how, parting from a specific political and historical context, Gramsci's thought is recreated. For that, we choose as historical sources the first writings of Aricó, since de 1950's, until the closure of *Pasado y Presente* magazine experience, in 1965, historic mark of Gramsci's reception in Argentina.

Keywords: Gramsci; Argentina; José Aricó; Intellectuals; Political History; Latin America

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 O ROMPIMENTO COM O PARTIDO COMUNISTA E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS LUGARES PARA OS INTELECTUAIS; 2 GRAMSCI EM CÓRDOBA E A REVISTA PASADO Y PRESENTE; CONSIDERAÇÕES FINAIS: GUEVARISTAS-TOGGLIATIANOS?; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

Desde suas primeiras publicações, ao final dos anos 1940 na Itália, o pensamento do intelectual e político italiano Antonio Gramsci suscita intermináveis discussões. As incontáveis imagens de Gramsci derivam dos modos pelos quais foram produzidos os textos dos *Cadernos de Cárcere*. Além do caráter fragmentado e dos amplos assuntos tratados por Gramsci, há, como aponta Fabio Frosini (2010), uma incompletude que perpassa os manuscritos. Privado do contato com a realidade política imediata, matéria por excelência de suas intervenções textuais e políticas anteriores ao cárcere, Gramsci constrói reflexões marcadas por uma tensão entre previsão e anacronismo. Isso implica, na perspectiva de Frosini, que os *Cadernos do Cárcere* são marcados por uma ausência inexaurível. Como obra produzida no cárcere, os *Cadernos* podem somente encontrar sua verificação histórica e política no exterior. Nesse sentido, essa busca por um complemento externo conduz a um constante e mutável processo de construção das figuras de Gramsci como autor e dos *Cadernos* como obra¹.

Partindo dessa perspectiva, é possível compreender como as imagens de Gramsci são reformuladas ao longo do tempo, sendo mobilizadas para as mais diversas finalidades políticas, tanto à esquerda quanto à direita. Nesse sentido, o presente artigo objetiva compreender como se deu a recepção do pensamento gramsciano na Argentina, tomando como fonte histórica a atuação do intelectual argentino José Maria Aricó em suas intervenções no debate político a partir de sua primeira publicação, em 1956, na revista *Cuadernos de Cultura*, ligada ao PCA (Partido Comunista Argentino), até o encerramento da primeira série da revista *Pasado y Presente*, em 1965.

As reflexões de Gramsci foram produzidas, e também recepcionadas, em contextos históricos e políticos específicos. Tratar essa recepção na Argentina dos anos 1950 e 1960 não implica uma comparação acerca da fidedignidade das interpretações produzidas por Aricó, mas a compreensão de uma ação intelectual capaz de mobilizar e recriar o pensamento gramsciano em uma realidade diversa, estabelecendo, assim, um processo de mediação.

¹ Isso não significa, por outro lado, a impossibilidade de se construir consensos mais ou menos estáveis em torno do pensamento de Gramsci. Na Itália, os estudos gramscianos tem avançado sobremaneira em direção a metodologias e perspectivas teóricas capazes de oferecer chaves de leitura para os *Cadernos do Cárcere*, como os estudos filológicos iniciados por Gianni Francioni (1984) e a historicização integral proposta por Giuseppe Vacca (2013). Apesar disso, acreditamos que, mesmo com os inegáveis e relevantes, os *Cadernos* serão sempre marcados por uma arquitetura fractal (OLIVEIRA, 2020).

Conforme apontam Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016), a mediação operada pelos intelectuais, distante de ser um recebimento ou transcrição, é uma atividade essencialmente criadora. Ao estabelecer a capacidade criadora do ato mediador, as autoras rompem com a dicotomia entre intelectuais produtores e divulgadores. Ao mediar as obras de Gramsci, não somente por suas intervenções textuais, mas também por sua atuação editorial e de tradução, Aricó termina por construir uma determinada imagem de Gramsci, projetada com finalidades políticas específicas.

Embora tenha declarado que Gramsci o acompanhou durante toda sua trajetória como uma sombra ao corpo (ARICÓ, 2014), Aricó não escreveu obras exegéticas em torno do intelectual sardo. Seus trabalhos, sobretudo artigos em periódicos, visavam interpretar a história argentina e produzir linhas de ação política rumo ao socialismo. Em virtude disso, além de um mediar a figura de Gramsci, Aricó também a utiliza como um repertório em seu pensamento.

O conceito de repertório, formulado originalmente por Charles Tilly para compreender a dinâmica de manifestações políticas, foi apropriado por Angela Alonso (2002) para compreender a geração de 1870 no Brasil Império. Alonso marca o caráter político da ação intelectual², apontando que as leituras produzidas por aqueles intelectuais possuíam determinada intencionalidade política. Para tanto, esses intelectuais recorriam a diversos repertórios que, conforme demonstra Alonso, operam como “caixas de ferramentas às quais os agentes recorrem *seletivamente*, conforme suas necessidades de compreender certas situações e definir linhas de ação”. (ALONSO, 2002, p. 40)

Ao demonstrar a seletividade das ideias dos intelectuais, Angela Alonso contribui decisivamente para superar a noção recorrente de que nos países colonizados as ideias estariam fora do lugar. Ao nutrir suas análises de ideias produzidas no estrangeiro em outro contexto histórico, os intelectuais latino-americanos não buscam a reprodução dessas ideias, mas selecionam e filtram aquilo que efetivamente se adequa às suas realidades e linhas de ação política.

² No trabalho de Alonso, que trata do final do século XIX brasileiro, a ideia de afirmar o caráter político do campo intelectual parte da análise de que, naquele momento, a relação entre intelectuais e política era indissociável, uma vez que ainda não havia nenhum tipo de profissionalização ou mesmo autonomia do campo intelectual em relação a política. Conforme estamos estudando o século XX, sobretudo as décadas de 1950 e 1960, há uma separação entre tais campos, uma vez que o desenvolvimento do mercado livreiro e mesmo o surgimento das universidades criam novos espaços para a existência dos intelectuais. Nesse sentido, em nosso trabalho, quando afirmamos a presença da política no campo intelectual em sentido diverso de Alonso, de modo que pretendemos demonstrar como Aricó produziu suas intervenções políticas partindo desse campo intelectual específico.

Portanto, partindo desses referenciais teóricos e metodológicos pretendemos demonstrar como as imagens de Gramsci projetadas por Aricó se alteram no recorte estabelecido. Tais redimensionamentos, como discutiremos adiante, ocorrem a partir de uma confluência de fatores marcada pelo surgimento da Nova Esquerda na Argentina e pela reconfiguração do campo intelectual das esquerdas, sobretudo comunistas.

1 O ROMPIMENTO COM O PARTIDO COMUNISTA E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS LUGARES PARA OS INTELLECTUAIS

José Maria Aricó nasceu em 1931 em uma família de trabalhadores na cidade de Córdoba. Por razões financeiras, não concluiu seus estudos universitários e dedicou-se à militância profissional, sobretudo nas áreas jornalística e editorial. Seus primeiros contatos com Gramsci ocorreram nos anos 1950 por influência dos trabalhos do intelectual comunista Héctor P. Agosti.

Como atesta Adriana Petra (2017), Agosti era um intelectual que apresentava particularidades no interior do partido. As políticas culturais dos comunistas argentinos foram marcadas por uma tensão indelével entre política e cultura. Em meio a essas tensões, utilizando-se do pensamento de Gramsci, Agosti elabora uma interpretação da história que aproxima processo de formação da nação argentina ao *Risorgimento* italiano. A revolução de Maio, iniciada em 1810, na ausência de um autor capaz de conduzi-la adiante, foi interrompida. Em virtude da incompletude da nação, a cultura argentina experimentava uma dissociação entre os intelectuais e o povo. Diante disso, frente a uma cultura que expressava sua desconfiança em relação aos intelectuais ou mesmo tentava controlá-los a partir do partido, Agosti estabelecia uma função destacada para os intelectuais na construção do socialismo.

Conforme tais interpretações não eram majoritárias no partido, Agosti cercou-se de jovens militantes que iniciavam sua trajetória política. Para esses jovens, como Aricó, Agosti aparecia não apenas como um grande autor, mas também como uma figura responsável por estimular um debate mais aberto acerca do marxismo, utilizando-se, sobretudo, dos referenciais discutidos na cultura italiana dos anos 1950, como Gramsci e Togliatti.

A interlocução entre Agosti e Aricó se iniciou em 1956, quando da publicação do primeiro artigo de Aricó na revista do partido, editada por Agosti, *Cuadernos de Cultura*. Nesse trabalho, intitulado *Marxismo vs Leninismo?*, Aricó (2013) critica duramente as leituras de Gramsci

promovidas pelo filósofo italiano Rodolfo Mondolfo. A crítica do intelectual argentino gravita em torno da utilização do conceito de hegemonia por Mondolfo que, na visão do autor, distanciavam Gramsci da linhagem leninista e até estalinista.

Este es el sentido del término hegemonía —utilizado repetidamente por Gramsci— y que señala la capacidad del proletariado de agrupar bajo su dirección a todas las fuerzas nacionales y populares. Es decir que el momento de la fuerza es acompañado por el momento de la conciencia, de la dirección política de los sectores aliados (del “consenso”, diría Gramsci). Esta es una condición necesaria, y mérito de Lenin es haberla desarrollado y profundizado. El proletariado podrá triunfar sobre la burguesía si sabe colocar bajo su dirección política y cultural a todos los sectores populares, fundamentalmente, los campesinos. (ARICÓ, 2013, p. 279)

Embora assinale a capacidade do proletariado agrupar sob sua direção as diversas forças nacionais, Aricó compreende que a hegemonia do proletariado pode somente ocorrer a partir da atuação do partido e de seus intelectuais. Conforme o momento da força deve ser acompanhado pelo movimento do consenso, a atuação dos intelectuais é fundamental. Nesse ponto, novamente Aricó estabelece uma continuidade quase indistinta entre Gramsci e Lenin. Diante do desenvolvimento da sociedade civil e dos vários aparatos burgueses para a conquista do consenso, Aricó afirma, amparado no *Que fazer?* de Lenin, que, por si mesmos, os operários jamais poderão atingir uma consciência socialista. Nesse cenário, os intelectuais, nucleados em torno do partido comunista, são os responsáveis por formar, de fora, a consciência de classe dos operários argentinos.

É interessante notar que, para Aricó, tais análises, embora partam da continuidade de uma tradição comunista, também comportam inovações. Pensando na possibilidade de um marxismo não dogmático, Pancho, apelido do autor, procurou encontrar respostas para problemas inexistentes nos tempos de Marx e Engels. Citando Stálin, Aricó afirma que o advento do capital financeiro, a colonização e o desenvolvimento desigual dentro do capitalismo, criaram condições objetivas para que a revolução ocorresse. Faltavam, portanto, as condições subjetivas capazes de detonar a ação revolucionária.

Essa situação “exigía de los marxistas consecuentes una revalorización de la teoría de la revolución proletaria y del partido...” (ARICÓ, 2013, p. 280). Nessa renovação teórica Gramsci e o conceito de hegemonia emergiam como chave fundamental para criação de uma consciência revolucionária capaz de romper com a dominação burguesa.

O artigo expressava, assim como as reflexões de Agosti, uma heterodoxia dentro da ortodoxia comunista. Não fortuitamente, Agosti interessou-se pela leitura do texto e procurou contatar Aricó por meio de cartas. Por meio dessas cartas, publicadas integralmente com comentários de Adriana Petra e Horacio Tarcus (2013), é possível não somente compreender os movimentos do pensamento de Aricó, mas sobretudo observar as tensões políticas e intelectuais que se desenvolveram no interior do partido comunista.

Na primeira carta, datada de novembro de 1956, Aricó (2013) se mostra fascinado. Confessa que seu interesse por Gramsci partiu da leitura das obras de Agosti e revela o interesse em aprofundar uma pesquisa focada nos problemas da revolução inacabada de Maio de 1810. A segunda, escrita pouco tempo depois, em janeiro de 1957, mostra as inquietações de Aricó em relação às interpretações dogmáticas e mecanicistas do marxismo.

A carta aborda um artigo escrito por Carlos Astrada sobre a questão epistemológica em Lenin. Para Astrada, haveria uma importante transformação no enfretamento da temática ao longo da trajetória do líder bolchevique que, em seus últimos trabalhos, teria se afastado das concepções expostas em *Materialismo e Empirocriticismo*, construindo, em seus *Cadernos Filosóficos*, uma leitura mais consistente e dialética acerca da relação entre sujeito e objeto.

Ao se contrapor a um dos textos canônicos da tradição soviética, o texto de Astrada é rechaçado pelos comunistas. Em defesa do artigo, Aricó, traçando similaridades entre as posições de Astrada e Gramsci, pretende estimular uma discussão em torno das necessidades de superação dos resquícios mecanicistas e dogmáticos no marxismo. Gramsci, como continuador das melhores reflexões leninistas, é uma figura fundamental.

En mi opinión la aparición de Gramsci significará un gran desarrollo de la discusión y la crítica del marxismo dentro de un vasto sector de los intelectuales. Y creo que lo recibirán, como dijiera Rodolfo Ghioldi de otro libro: “Con la avidez con se goza en una noche pesada de verano un golpe de aire fresco”. Ayudaría evidentemente a curar muchas concepciones mecanicistas que subsisten en las interpretaciones habituales del marxismo. (ARICÓ, 2013, p. 273)

Apesar dos questionamentos, a crítica de Aricó não se encaminha no sentido de uma ruptura com os comunistas ou mesmo com Agosti. Ao contrário, as duas cartas encaminhadas em

1959 revelam o crescimento da figura intelectual de Aricó que, por meio de Agosti, foi convidado pela editora Lautaro para revisar e traduzir alguns volumes dos *Cadernos do Cárcere*.³

Na última carta, datada de janeiro de 1963, Aricó aborda os problemas com o andamento da publicação dos últimos volumes dos *Cadernos* e a necessidade de lançamento de uma nova revista. Essa revista, nomeada como *Pasado y Presente*, na visão de Aricó, deveria preencher algumas lacunas deixadas pelos *Cuadernos de Cultura*. Seria uma revista trimestral, editada na cidade de Córdoba, na qual diversos intelectuais, inclusive não vinculados ao partido poderiam contribuir. Nos termos de Aricó se tratava de uma “revista de frente único. Escribirían personas que en nuestras publicaciones no lo hacen habitualmente ni saben si lo pueden hacer porque en las condiciones particulares del país, quienes escriben em C/C., por ejemplo, son comunistas...” (ARICÓ, 2013, p. 278)

É importante notar que a proposta de fundação de *Pasado y Presente*, embora parta de um grupo de jovens intelectuais, não pretende a ruptura com o partido, tampouco com a revista *Cuadernos de Cultura*. Mais ainda, se insere em algumas diretrizes das políticas culturais comunistas formuladas desde os anos 1930, marcadas, como aponta Adriana Petra (2017), pela defesa da formação de frentes culturais.

O desfecho da publicação do primeiro número de *Pasado y Presente* é conhecido. Aricó, junto com outros jovens intelectuais terminam expulsos do partido. Agosti, por sua vez, mantém-se no partido e rompe vínculos políticos e intelectuais com os jovens gramscianos que estiveram durante algum tempo sob sua influência. Diante disso, é preciso refletir em torno das razões da ruptura e, sobretudo, como Gramsci é mobilizado por Aricó nesse conflito.

Raúl Burgos (2004), em trabalho sobre a trajetória de Gramsci na Argentina entre os anos 1960 e 1980, reconstrói os debates que culminaram na expulsão dos jovens gramscianos do PCA. Para Burgos, as discussões teóricas em torno dos cânones do marxismo também estavam marcadas por uma questão geracional. Declarando-se, no editorial do primeiro número de *Pasado y Presente*,

³ Os volumes publicados, não integralmente, na Argentina, entre 1958 e 1962, seguem a edição temática italiana, organizada por Palmiro Togliatti e Felice Platone, entre 1948 e 1951. Tal edição compilou as diversas notas carcerárias em 6 volumes ordenados tematicamente. Uma nova edição, com a disposição cronológica dos textos seria publicada na Itália somente em 1975, sob a curadoria de Valentino Gerratana. Para uma análise das edições italianas dos *Cadernos* ver OLIVEIRA, Marcus Vinícius Furtado da Silva. *A arquitetura fractal de Antonio Gramsci: história e política nos Cadernos do Cárcere*. Brasília: FAP/Instituto Gramsci, 2020.

como uma geração sem professores, os autores e editores da revista afirmavam sua autonomia em relação aos antigos quadros do partido.

Una de las cuestiones más atacadas posteriormente por los comunistas fue el hecho de que Aricó colocara la intervención de la revista como parte de un problema “generacional”. Reivindicándose como parte de una generación emergente, la reconoce como una “generación sin maestros locales”. No importa mucho que Aricó se distanciara críticamente de aquellos que pretendían ocultar las cuestiones “de clase” atrás de las cuestiones relativas a “generaciones”, pues el Partido acusó a la revista de referenciarse en Ortega y Gasset y no en Marx. (BURGOS, 2004, p. 72)

Embora relevante, a análise da questão geracional empreendida por Burgos apresenta alguns limites. Em primeiro lugar, parte das fontes utilizadas pelo autor é composta por entrevista feitas, décadas depois, com os próprios atores. Esse importante material histórico, todavia, não encontra uma elaboração teórica ou metodológica no trabalho, de modo que, em diversos momentos suas análises tendem a reproduzir as memórias ou os argumentos de suas próprias fontes. Em segundo lugar, a discussão geracional, como demonstram Oscar Terán (1993) e Adriana Petra (2017), revelam inúmeros aspectos da reorganização política e social da Argentina, bem como da compreensão da função dos intelectuais.

A análise de Terán acerca do surgimento da Nova Esquerda se constrói em torno de uma conjunção de fatores nacionais e internacionais. A queda de Perón, em 1955, implica um rearranjo na política argentina. Nesse momento, uma nova geração, formada ao longo da década peronista emerge em distintos espaços, como a universidade, e com referências que se estendem desde o existencialismo sartreano até o marxismo gramsciano. Tais posicionamentos, radicalizados após o governo de Arturo Frondizi e da Revolução Cubana, estabelecem uma nova configuração para a ação do intelectual.

Pasado y Presente se define de tal modo en la intersección de una circunstancia histórica, un dato generacional, una opción cultural y una apuesta política: se trata de una nueva generación adscripta ao marxismo en una época de revoluciones y plenamente consciente de la necesidad de confluencia con la clase obrera. Es explícita pues la aspiración de “convertirse en los dirigentes de la sociedad y por ende de la clase obrera que encarna el movimiento real de la negatividad histórica”, pero también que esta misión nacida en el interior de una práctica intelectual requiere para su cumplimiento de una firme articulación con clase trabajadora. Con todo ello se presentaba en este período otro modelo de relaciones entre intelectuales y política, ya que ahora con **Pasado y Presente** se asiste a la emergencia de la figura del intelectual orgánico, que reconoce el valor insustituible

de la cultura erudita pero que sólo considera consumada la legitimidad de la misma si en alguna instancia “produce” política al fusionarse con los núcleos transformadores de cultura y la práctica obreras. (TERÁN, 1993, p. 163)

Portanto, para Terán, o surgimento de uma nova esquerda intelectual na Argentina ocorre a partir de um reposicionamento das relações entre política e cultura. Assumindo uma noção de compromisso, largamente presente entre os intelectuais latino-americanos, matizada pela necessidade de encontro entre os intelectuais e o povo. A legitimidade cultural, e da própria ação dos intelectuais, ocorre na medida em que é capaz de produzir política no âmbito operário.

Adriana Petra, por sua vez, seguindo o fio condutor das relações entre cultura e política, foca suas análises nas relações entre os intelectuais e a cultura comunista. Para além das discussões em torno do dogmatismo dos partidos comunistas, Petra demonstra que os conflitos engendrados pelo surgimento da nova esquerda se desenvolvem em torno de uma disputa pela legitimidade do marxismo.

Na tradição comunista, a qual, como vimos, foi compartilhada por Aricó, o partido comunista figura como uma instituição autorizada responsável por guardar as interpretações legítimas dos cânones marxistas. A autoridade dos intelectuais e de suas ideias eram, nesse sentido, emanadas da instituição partidária e, em última análise, das lideranças do Partido Comunista da União Soviética. Essa geração, na medida em que absorve referências diversas, questiona precisamente o lugar dessa autoridade. Afirmar, como Aricó, o pertencimento a uma geração sem professores locais implica a necessidade de construção desse outro lugar de enunciação e legitimidade intelectual que dispensa a mediação do partido, uma vez que pretende estabelecer a fusão direta entre os intelectuais e o povo.

Consideramos que *Pasado y Presente* represento ejemplarmente este conflicto que atravesó todo el mundo comunista a partir de los años sesenta: la emergencia de una nueva promoción de intelectuales que se propuso a cuestionar a los dirigentes en el terreno hasta entonces reservado de la teoría marxista. Se trató de la disputa entre dos elites, una legitimada por sua posición en al aparato de representación política y la ora, por su emergente ascendencia en la esfera intelectual en tanto representante de la modernidad dentro del marxismo. (PETRA, 2017, p. 374)

Tal disputa, por fim, é também impulsionada por uma série de transformações políticas ocorridas nas esquerdas da América Latina. Conforme argumenta Silvio Pons (2014), o processo de crise política da União Soviética se inicia nos anos 1950. Em 1956, o célebre relatório divulgado

por Krushev com os crimes de Stálin abalou a sustentação política soviética. Ao denunciar o culto da personalidade de Stálin, mesmo com os impactos da divulgação do relatório, Krushev pretendia garantir a sobrevivência da URSS centralizando os problemas na hipótese do desvio estalinista. Todavia, o anúncio do degelo soviético não foi acompanhado de uma reestruturação do Estado e do partido. A invasão da Hungria, ainda em 1956, marcou os limites da transformação proclamada pelo líder soviético e, mais grave, revelou as debilidades da hegemonia soviética entre os próprios países socialistas.

Tendo como horizonte a superação do dogmatismo soviético, há uma busca por renovação política e intelectual em diversos partidos comunistas do mundo. Na Itália, a atuação política de Palmiro Togliatti, secretário-geral do PCI (Partido Comunista Italiano), se orientou para a construção de uma perspectiva policêntrica no movimento comunista internacional e a busca por vias nacionais para o socialismo.

Para além das reflexões italianas, bastante influentes na Argentina, o evento catalisador das novas esquerdas na América Latina é a Revolução Cubana. Ocorrida no início de 1959, a tomada de Havana pelos guerrilheiros liderados por Fidel Castro alterou profundamente os rumos políticos do continente. Partindo das reflexões de Victor Missiato (2017), é possível afirmar o caso cubano como um reacender das expectativas revolucionárias no continente e, em consequência, um duro questionamento das possibilidades reformistas ou democráticas no âmbito das esquerdas.

Segundo José Rodríguez Elizondo (1995), o encanto da nova esquerda com os cubanos parte de uma idealização da revolução que termina por ignorar as transformações políticas ocorridas no continente. A derrubada da ditadura de Fulgencio Batista, sobretudo em razão da luta armada conduzida na *Sierra Maestra*, gerou fortes questionamentos às orientações políticas dos partidos comunistas. Encarada como uma transformação proporcionada pela vontade de homens desvinculados de um partido, próximos ao povo, a revolução cubana, para a nova esquerda, cancelava as alianças com as burguesias nacionais, a política de coexistência pacífica soviética e a necessidade de uma etapa democrático-burguesa para a construção socialista.

Em meio ao elã cubano, há também um forte pendor voluntarista entre os intelectuais. Ao contrário da URSS, Cuba parecia promover uma revolução em liberdade, na qual os intelectuais

eram personagens relevantes para o desenvolvimento das transformações necessárias no país.⁴ Diante disso, como aponta Elizondo, as leituras acerca da realidade latino-americana se radicalizam na direção de uma teoria pura da revolução, na qual a noção de uma América colonial, dominada ubiquamente pelo imperialismo, estabelece a revolução armada como caminho único para a afirmação nacional.

Portanto, a ruptura entre a nova esquerda e os comunistas na Argentina opera a partir dessa confluência de fatores. Em meio ao turbilhão dos intensos anos 1960, Aricó, embora não tenha se dedicado explicitamente a uma teorização acerca da luta armada, esteve próximo ao movimento guerrilheiro EGP – *Ejército Guerrillero del Pueblo*, que se instalou, em 1963, na província argentina de Salta. Gramsci, nesse contexto, para utilizar os termos de Burgos, “era una especie de ‘telón de fondo teórico’ sobre el cual sucedía una práctica a veces antagónica a lo que lógicamente podría derivar de sus ideas (...) sin embargo, se trataba de una práctica que conservaba una especie de ‘brújula’ gramsciana”. (BURGOS, 2004, p. 82)

Para Aricó, diante desse pano de fundo teórico, Gramsci mantinha a função de animar uma renovação do marxismo, permitindo seu contato com outras correntes intelectuais e superando aquilo que considerava como uma inércia dogmática do PCA. Fora do partido, a atuação na revista aparece como caminho para a superação da cisão entre intelectuais e povo e a produção de uma vontade popular. Nesse sentido, a expulsão do partido e a aproximação do voluntarismo cubano não anulam o horizonte nacional-popular herdado por Agosti. Na tensão entre ortodoxia e heterodoxia, Aricó e os gramscianos, nucleados na *Pasado y Presente*, operam uma radicalização impensável dentro dos limites do PCA, mas que conserva algumas heranças do passado. Nos termos de Aricó:

Pasado y Presente intenta iniciar la reconstrucción de la realidad que nos envuelve, partiendo de las exigencias planteadas por una nueva generación con la que sentimos identificados. Lo que no significa negar o desconocer lo hecho hasta el presente, sino incorporar al análisis esa urgente y poderosa instancia que nos impulsa en forma permanente a rehacer la experiencia de los otros, a construir nuestras propias perspectivas. Será por ello la expresión de un grupo de intelectuales con ciertos rasgos e perfiles propios, que esforzándose por aplicar el materialismo histórico e incorporando las motivaciones del presente, intentará soldarse con un pasado a al que no repudía en su totalidad pero al que tampoco acepta en la forma em que se le ofrece. (ARICÓ, 1963, p. 1-2)

⁴ Conforme analisa Silvia César Miskulin (2009), o caso Padilla, ocorrido nos anos 1970, não pode ser considerado como baliza temporal para o início das demonstrações de autoritarismo em relação aos intelectuais. Ao analisar a imprensa nos primeiros anos da revolução, a autora aponta para uma série de restrições a determinadas posturas intelectuais consideradas perniciosas pelo novo regime.

Portanto, ao final dessa primeira etapa de análise, marcada pela publicação do primeiro número de *Pasado y Presente* e pela expulsão de Aricó do PCA, o dimensionamento da figura de Gramsci é mobilizado como um repertório a partir da intersecção entre o desejo de afirmação de um espaço de autoridade intelectual de uma nova geração e de renovação do marxismo diante para a resolução das demandas políticas que as gerações políticas anteriores foram incapazes de concretizar. Mesmo pensando participar de uma geração sem professores, o Gramsci de Aricó ainda guarda marcas da leitura comunista empreendida por Agosti no anos 1950.

2 GRAMSCI EM CÓRDOBA E A REVISTA *PASADO Y PRESENTE*

Com a expulsão do PCA, Aricó não se filiou a outro partido político. Nesse novo cenário, a revista *Pasado y Presente*, em termos gramscianos, cumpre a função do partido na medida em que agrega intelectuais que pretendem se fundir com a classe operária para a produção de uma vontade nacional-popular. A revista foi editada, em sua primeira série⁵, na cidade de Córdoba, entre 1963 e 1965. A edição em Córdoba é um dado bastante significativo acerca da revista. Como vimos, nas cartas enviadas a Agosti, Aricó demonstra preocupação com a ausência desse tipo de publicações fora de Buenos Aires. Além disso, a cidade, capital da província homônima, experimentada um forte processo de industrialização que altera decisivamente suas feições sociais e políticas.

De acordo com Burgos, nas primeiras décadas do século XX, Córdoba era cidade ainda vinculada às atividades agrícolas. Todavia, em 1918, houve uma série de manifestações que culminaram na célebre Reforma Universitária. Conectada ao poder das elites agrícolas, a universidade oferecia poucos espaços para os filhos dos agricultores, que se organizaram e transformaram os modelos de funcionamento da universidade.

Mais adiante, nos anos 1920, começam a se instalar as primeiras fábricas em Córdoba. Inicialmente, as indústrias da cidade produziam aviões e outros artigos militares. Nos anos 1950,

⁵ Em 1973, há uma nova série da revista, que conta com apenas dois volumes. Apesar da interrupção das publicações da revista, o grupo de intelectuais envolvidos em *Pasado y Presente* desenvolveu outras importantes ações editoriais, como a publicação dos *Cuadernos de Pasado y Presente*. Essa iniciativa editorial foi responsável pela tradução e publicação de diversos volumes de importantes autores, inclusive durante o período de exílio no México entre os anos 1970 e 1980. Para conhecer integralmente os conteúdos das revistas e também os livros lançados é possível consultar os apêndices publicados por Raúl Burgos (2004). Além disso, o CeDIInCi (Centro de Documentación e Investigación de la cultura de Izquierdas) possui um grande acervo de periódicos digitalizado e de acesso público. As edições utilizadas nesse trabalho foram obtidas deste acervo.

durante o governo de Perón, as fábricas também passaram a produzir automóveis e motores. Tornando-se um centro industrial marcado pelas indústrias mecânicas e automobilísticas, a cidade atraiu grandes empresas multinacionais, como a FIAT.

Diante desse intenso desenvolvimento industrial, que transformou Córdoba em uma das maiores cidades argentinas, o grupo *Pasado y Presente* construiu, em determinados sentidos, uma cidade imaginada semelhante a Turim dos anos 1910 e 1920. Tomando como exemplos os movimentos dos conselhos de fábricas e as grandes greves, Aricó propôs uma orientação política que oscilava entre os desdobramentos da revolução cubana e a necessidade de se produzir uma hegemonia que, nascida da fábrica, pudesse se tornar o embrião do socialismo argentino.

Ainda em 1963, no segundo número da revista, Aricó publica o artigo *El stalinismo e la responsabilidad de la izquierda*. O texto é um aprofundamento dos conflitos entre o grupo *Pasado y Presente* e o PCA. Todavia, diferentemente do primeiro número da revista, publicado ainda com apoio, inclusive financeiro, do PCA, esse artigo aprofunda as críticas em relação ao partido. Como o próprio título atesta, o argumento central do artigo reside nas críticas ao stalinismo. Baseando-se nas análises de Togliatti acerca do XXII Congresso do PCUS, publicadas em sequência no mesmo número da revista, Aricó marca o caráter dogmático e personalista do marxismo desenvolvido na União Soviética.

La crises del stalinismo, en fondo, no es otra cosa que la crises del pensamiento dogmático, de todo aquello que por razones particulares (necesarias de investigar en forma concreta) pretende cristalizar, ideologizar la filosofia de praxis convirtiéndola en una talmúdica colección de fórmulas rígidas, válidas en sí al margen del contexto social, coherentes desde el punto de vista lógico-formal pero absolutamente estériles en cuando a capacidade cognoscitiva. (ARICÓ, 1963, p. 197)

Por meio do excerto, é possível notar a continuidade da discussão epistemológica, aberta por Aricó em 1957 e também desenvolvida por outros intelectuais próximos, presente nos episódios que conduziram à expulsão dos gramscianos argentinos do PCA. O debate em torno das possibilidades de conhecimento da realidade se desdobra em problemas de atuação política. O marxismo, na medida em que considera teoria e prática como dimensões indissociáveis, necessita, para agir politicamente, de instrumentos adequados para o conhecimento da realidade. Ao apontar para a cristalização do marxismo em formas dogmáticas, Aricó pretende afirmar a debilidade política do marxismo soviético e, por consequência, do PCA. Incapazes de utilizar a potência

cognitiva do marxismo, os seguidores do dogmatismo stalinista também são incapazes de transformar a realidade.

Gramsci emerge, portanto, como uma abertura a novas possibilidades cognitivas e epistemológicas para o marxismo. A filosofia da práxis é mobilizada por Aricó em sentido contrário aos dogmas estabelecidos pela cultura comunista. Livre de fórmulas rígidas, a filosofia da práxis abre caminhos para se pensar realidades históricas específicas e superar as debilidades da esquerda comunista argentina.

Diante disso, o projeto de Aricó, e também da revista *Pasado y Presente*, é elaborar uma nova narrativa acerca da história da Argentina, que, amparada por novos critérios epistemológicos, possibilitaria a produção de novas orientações políticas responsáveis por fixar os rumos para a construção do socialismo. Essa narrativa aparece nas intervenções de Aricó em um artigo intitulado *Examen de conciencia*, publicado no quarto número da revista no primeiro trimestre de maio de 1964.

O artigo, o mais longo escrito por Aricó na primeira série da revista, parte também de uma polêmica com a direção do PCA que, por meio de um volume inteiro de *Cuadernos de Cultura*, procurou atacar os desvios cometidos pela nova esquerda argentina. Com isso, o exame de consciência requerido no título parece se dirigir aos quadros do partido que se mantém na mesma linha política e desconsideram os avanços do marxismo.

Antes de desenvolver sua reconstrução da história argentina, Aricó (1964) estabelece uma disputa acerca do patrimônio marxista, sobretudo a herança de Lenin. Embora retome as discussões epistemológicas presentes no artigo anterior, *Examen de conciencia* trata a questão diante dos impactos da revolução cubana. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que propõe um retorno a Lenin, Aricó também compreende a necessidade de absorver determinados aspectos da experiência cubana.

El reconocimiento de la “universalidad” del leninismo puede ser el punto de partida para el análisis de un proceso **sólo** a condición de considerarlo una “hipótesis” que necesariamente deberá ser confirmada como conclusión del análisis. Em caso contrario, si partimos a priori de la validez absoluta de la doctrina de Lenin necesariamente caemos en la desviación cognoscitiva que consiste en deformar y recortar la realidad insuficientemente conocida para hacerla encajar dentro de la doctrina. La “universalidad” de leninismo exige ser permanentemente puesta a prueba por la realidad. (ARICÓ, 1964, p. 247)

Ainda que fora do PCA, Aricó não rejeita o leninismo. Ao contrário, afirma sua universalidade a partir de uma condição permanentemente hipotética que impede que a doutrina, em razão de seu contato recorrente com a realidade, recaia em desvios cognitivos. Essa abertura doutrinal do leninismo, assim como a permitida pela filosofia da práxis, possibilita o contato com outras experiências históricas.

A revolução cubana, nesse sentido, aparece como um evento histórico capaz de reafirmar as incapacidades cognitivas de um marxismo dogmático e anunciar o fortalecimento do movimento revolucionário. Recusando a direção do partido, os cubanos puderam quebrar os esquemas analíticos precedentes, mostrando como, a partir da vontade revolucionária, era possível caminhar rumo ao socialismo.

La revolución cubana, esa revolución “intrusa”, ese hecho inesperado, desconcertante, que venía a derrumbar los perfectos y aburridos esquemas transformista de quienes ya habían decidido postergar las revoluciones para las “calendas gregas”, nos conmovió profundamente. Frente a la opinión oficiosa del grupo dirigente del Partido, desconfinado como siempre de todo lo nuevo, Cuba se nos aparecía más que como una excepción o un hecho afortunado (la “venta del buzón” al imperialismo como com graficismo singular, afirmo uno de ellos) como la apertura de un nuevo curso revolucionario, a demostracion práctica de los nuevos caminos abiertos por la modificación del contexto histórico-mundial, la plena evidencia de una nueva correlación de fuerzas que nos permitía presagiar la recuperación del impulso revolucionario iniciado con la revolución de octubre. (ARICO, 1964, p. 248)

A argumentação de Aricó em torno das debilidades das interpretações comunistas se conecta com o significado atribuído a Revolução Cubana. Mais que o exceção ou um golpe de sorte, os eventos cubanos são compreendidos a partir de uma alteração nas formas políticas mundiais. O impacto do exemplo dos guerrilheiros cubanos cancela a imprevisibilidade da revolução socialista defendida por setores reformistas. Superando o arrefecimento do bolchevismo, a revolução cubana estabelece, para Aricó, a revolução como um horizonte imediato e urgente. Diante desses momentos de urgência é preciso compreender que para que “la clase obrera no se encuentre desarmada en el momento decisivo, la perspectiva del desarrollo pacífico **sólo** puede ser presentada como **posibilidad** y nunca como programa de acción”. (ARICÓ, 1964, p. 251)

Por outro lado, essa matriz guevarista de Aricó é mobilizada em conjunto com o pensamento gramsciano. Ao elaborar sua narrativa acerca da história argentina, conceitos como bloco histórico e hegemonia formam os eixos principais da análise. Para Aricó, a sociedade

argentina, desde a revolução interrompida de 1810, foi estruturada a partir de um bloco histórico solidificado pelas classes de proprietários de terra e burgueses que se aliaram ao imperialismo para a manutenção de seu domínio. A dominação agrário burguesa, nesse sentido, impediu a formulação de uma vontade nacional-popular e, conseqüentemente, o encontro entre intelectuais e o povo e o próprio avanço do socialismo.

Nessa leitura, Perón não aparece como uma ruptura, mas como um reordenamento desse bloco histórico, no qual a burguesia industrial buscou se conectar ao proletariado por meio de algumas concessões. Tais concessões implicam uma nova aliança de classes que não supera a cisão essencial da nação argentina, mas a coloca em outros termos. Diante de uma mesma estrutura social que se repete em outros termos, a ruptura revolucionária aparece como caminho para uma formação social completamente nova. Para tanto, o trabalho de conquista da hegemonia entre os trabalhadores é parte fundamental.

La función hegemónica es un producto, por tanto, de una tenaz labor ideológica y política de la izquierda revolucionaria en el seno de la fábrica (revalorizándola como núcleo central de sua actividad política, puesto que es **a partir** de la lucha en el interior de la misma fábrica como la clase obrera adquiere la conciencia plena de sus responsabilidades, de su función hegemónica en la sociedad, esa conciencia de productor necesaria para conquistar la dirección moral e intelectual de las clases subalternas). (ARICÓ, 1964, p. 261)

Portanto, a concepção de revolução compartilhada por Aricó parte de uma relação singular entre o político e o social. Por um lado, a inspiração guevarista conduz a uma leitura na qual a revolução, mais do que um fenômeno político, se vincula a uma dimensão social. Nessa leitura, a violência é o ação responsável por demolir uma ancilosada ordem social que não aceita reformas. Por outro, a influência gramsciana, marcada também pelas leituras de Togliatti acerca das vias nacionais, impulsiona a busca por uma disputa política capaz de tornar a classe operária um ator hegemônico responsável por conduzir o processo revolucionário.

Embora as matrizes guevarista e gramsciana convivessem no pensamento de Aricó, a disputa política pela hegemonia se encontra submetida à urgência revolucionária e a violência. A luta pela hegemonia, operada a partir da fábrica, se desdobra na derrubada da ordem social, visto que, como afirmou Aricó, a via pacífica é apenas uma possibilidade e jamais um programa.

No último volume da primeira série de *Pasado y Presente*, lançado no segundo semestre de 1965, Aricó publica *Algunas informaciones preliminares sobre la condición obrera*, texto que

antecede um informe da própria revista sobre os conflitos ocorridos na fábrica da FIAT. O texto confere outro dimensionamento para as questões discutidas em *Examen de conciencia*. Pensando a situação específica dos operários nas fábricas, Aricó (1965) se utiliza de um léxico marxiano para abordar a alienação dos trabalhadores e, como nos trabalhos anteriores, sugerir a produção de uma hegemonia a partir da fábrica.

Para el proletariado hacer política revolucionaria sólo puede significar partir de la alienación del productor en el proceso productivo, para relacionarla con la alienación del productor en la sociedad. Sin partir de la fábrica, de las condiciones concretas de explotación y alienación de la fuerza de trabajo, del trabajo deshumanizado y parcelario a que lo obligan los ritmos y modalidades que los capitalistas imponen a las máquinas (“uso capitalista de las máquinas”); sin partir de la insatisfacción permanente del obrero, de la organización interna despótica que lo excluye totalmente de las decisiones sobre **que, cuánto y como** debe producirse, del papel de instrumento pasivo que desempeña el trabajador en la grande empresa, sin partir de todos estos elementos constitutivos de la “condición obrera”, es imposible concebir la maduración de una conciencia revolucionaria socialista, de una conciencia que tienda no a modificar sino a destruir el sistema de explotación capitalista. (ARICÓ, 1965, p. 51)

A retomada do conceito de alienação para a análise da condição dos trabalhadores fabris reforça a busca por uma nova sociedade a ser construída a partir da fábrica. Os operários são alienados tanto na produção quanto na sociedade. Nesse sentido, iniciar a superação do processo de alienação na esfera produtiva, isto é, tornar o operário dirigente do processo produtivo, é condição para se criar uma consciência revolucionária socialista e iniciar a construção de uma nova sociedade.

Portanto, diante da exposição dos vários artigos publicados na primeira etapa de *Pasado y Presente*, surge a indagação acerca das razões pelas quais tantas dimensões se justapõem nas interpretações de Aricó. Raúl Burgos oferece uma interessante explicação que afirma, em primeiro lugar, o caráter formativo da experiência da revista e, em segundo que, essa mescla de “Lenin, Gramsci e Guevara (y algunos aires maoístas) que, necesariamente, constituía un discurso un tanto ‘esquizofrénico’ (la existencia de varias ‘almas’) que respondía al ‘espíritu de la época’”. (BURGOS, 2004, p. 97)

Aricó, diante desse espírito de época, analisado por Terán e Petra, estabelece uma síntese tensa entre várias dimensões. Em primeiro lugar, sua formação comunista, marcada pela influência de Agosti, não é abandonada. Ao contrário, mesmo fora do partido, Aricó continua a disputar, desde

seu lugar de enunciação intelectual recém-construído, a herança leninista. Em segundo, Gramsci, não desvinculado da tradição leninista em que foi lido originalmente por Aricó, também aparece como uma herança transformada e disputada. O horizonte de formação de uma vontade nacional-popular diante de uma sociedade marcada pela histórica fratura entre intelectuais e povo é submetido a uma matriz guevarista, inovação mais impactante na trajetória de Aricó, que submete em determinados momentos a disputa pela hegemonia às necessidades de construção de uma insurreição armada.

Todavia, esse discurso esquizofrênico apontado por Burgos não almeja uma síntese teórica entre Lenin, Gramsci e Guevara. Os artigos escritos em *Pasado y Presente* possuem alvos e intencionalidades específicas e, portanto, estão respondendo a determinados problemas de conjuntura política. Mais que intervenções teóricas, são ações políticas no debate público argentino desenvolvidas no interior de um contexto intelectual e político conturbado e efervescente. Em virtude disso, os conceitos de mediação e repertório, formulados por Gomes, Hansen e Alonso, são ferramentas capazes de desfazer a percepção esquizofrênica em torno do pensamento de Aricó e, assim, oferecer uma melhor compreensão em torno da recepção de Gramsci.

Como intelectual mediador, Aricó é responsável por oferecer ao público argentino, a partir de suas intencionalidades políticas, uma série de referências. A partir de sua ação, recria e redimensiona essas mesmas referências. Gramsci, assim como Lenin e Guevara, são recriações operadas por Aricó no contexto de renovação do marxismo, ruptura com o PCA e Revolução Cubana. Tais recriações compõem o amplo repertório de Aricó, que os mobiliza, com maior ou menor intensidade de acordo com suas intenções políticas. Nesses termos, o artigo sobre a condição operária, no qual não há menção ao guevarismo, não implica, necessariamente, o abandono dessa matriz. Ao contrário, naquele momento específico Aricó confere maior ênfase a um ou mais de seus repertórios. Nesse sentido, as dimensões de Gramsci projetadas por Aricó aparecem como repertório a partir da confluência das matrizes leninistas, guevaristas e togliattianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: GUEVARISTAS-TOGGLIATTIANOS?

Conforme atesta Burgos, o fim da primeira série de *Pasado y Presente* não ocorreu em razão da instauração da ditadura, em 1966. Buscando uma ancoragem política, ora na guerrilha ora

na classe operária, as formas de intervenção formuladas em 1963 se esgotaram rapidamente. O fim da revista, contudo, não significou o encerramento da experiência. Além dos *Cadernos de Pasado y Presente*, houve uma forte atuação editorial do grupo e uma segunda série da revista em 1973.

Nos turbulentos anos 1970, Aricó, em razão das perseguições impulsionadas pela ditadura militar instaurada em 1976, exila-se no México, com diversos outros intelectuais argentinos. A experiência do exílio e das redes de sociabilidade entre esses intelectuais conduziram uma revisão crítica dos anos 1960 e 1970. De volta a Argentina, Aricó publica, em 1988, um dos seus principais trabalhos. Em *La cola del diablo*, o autor faz um retrospecto dos itinerários de Gramsci na América Latina e, principalmente, estabelece um balanço de sua própria geração nos eventos políticos dos anos 1960 e 1970, reconhecendo a participação dos intelectuais na espiral de violência que culminou no golpe militar de 1976.

Ao retomar a experiência de *Pasado y Presente*, Aricó afirma que o grupo foi estranhamente guevarista-togliattiano. Essa definição tornou-se célebre e terminou tornando-se uma chave explicativa para a recepção de Gramsci na Argentina, sobretudo pelo grupo ligado a revista. Todavia, embora ambas as matrizes estejam nitidamente presentes nas intervenções de Aricó, há mais questões em disputa. Não se trata, portanto, apenas de um Gramsci guevarista-togliattiano, mas de um Gramsci mobilizado por um dos intelectuais da nova esquerda argentina que, procurando um lugar específico de enunciação intelectual, utilizou o pensador sardo na direção da construção de uma relação indissociável entre política e cultura. Nessa relação, a política, marcadamente o desenvolvimento de uma vontade nacional popular entre a classe operária, não poderia operar sem o recurso ao universo da cultura.

Contudo, essa mobilização apresentava inúmeras tensões e problemas. A possibilidade desse encontro entre política e cultura terminou por submeter Gramsci em diversos momentos a uma matriz guevarista que, em virtude de seu voluntarismo, conferia papel secundário a essas dimensões. Resta compreender, para encerrar, porque entre os anos 1950 e 1960, essa dimensão revolucionária e voluntarista aparece como mais intensidade em diversos momentos.

Para tanto, mais que sustentar a influência de uma revolução cubana idealizada, é preciso refletir sobre as razões pelas quais esse voluntarismo pode penetrar e ser apropriado dentro da nova esquerda argentina e também por Aricó. Para Claudia Hilb (1984), a dificuldade de funcionamento das instituições democráticas argentinas contribuiu decisivamente para a impossibilidade dessa

esquerda, surgida no início da radicalização iniciada ao fim da década peronista, pensar o político. Incapazes de compreender o político como um espaço simbolicamente vazio, os revolucionários argentinos procuram preencher peremptoriamente esse espaço, recusando fortemente a democracia.

Todavia, há também, como aponta Hilb, uma cultura democrática que se comporta na Argentina como uma corrente marítima que irrompe a superfície em determinados momentos. Nesse sentido, o Gramsci de Aricó é também fruto dessas correntes autoritárias e democráticas que transpassam a Argentina. Ainda que tenha se aproximado da luta armada e do guevarismo, a possibilidade de pensar o político, permitida sobretudo pela influência de Gramsci, permanece mesmo que submersa. Não fortuitamente, em sua revisão das experiências dos anos 1960 e 1970, Gramsci aparece novamente, como uma sombra ao corpo, como um repertório para pensar a democracia e o socialismo. Portanto, na construção do pensamento de Aricó, entre 1956 e 1965, trata-se de um Gramsci guevarista, togliatiano e leninista, mas trata-se também de um Gramsci argentino e latino-americano, com todos os seus problemas e possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. RJ: Paz e Terra, 2002.
- ARICÓ, José. *Algunas consideraciones preliminares sobre la condición obrera*. In: *Pasado y presente*, ano. 3, n. 9, Córdoba, 1965.
- ARICÓ, José.. *Examen de conciencia*. In: *Pasado y Presente*, ano 1, n. 4, Córdoba, 1964.
- ARICÓ, José.. *La cola del diablo: itinerário de Gramsci en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.
- ARICÓ, José.. *Pasado y presente*. In: *Pasado y Presente*, ano 1, n.1, Córdoba, 1963.
- BURGOS, Raúl. *Los gramscianos argentinos: cultura y política en la experiencia de pasado y presente*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
- ELIZONDO, José Rodríguez. *Crisis y renovación de las izquierdas: De la revolución cubana a Chiapas, pasando por el "caso chileno"*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1995.
- FRANCIONI, G. *L'Officina gramsciana: ipotesi sulla struttura dei "Quaderni del carcere"*.Napoli: Bibliopolis, 1984.

- FROSINI, Fabio. *La religione dell'uomo moderno: politica e verità nei Quaderni del carcere di Antonio Gramsci*. Roma: Carocci, 2010.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. *Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo*. In: *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- HILB, Claudia; LUTZKY, Daniel. *La nueva izquierda argentina: 1960-1980 (política y violencia)*. Buenos Aires: Centro editor de América Latina, 1984.
- MISSIATO, Victor Augusto Ramos. *Caminhos invertidos: o comunismo no Brasil e no Chile*. Curitiba: Ed. Prismas, 2017
- OLIVEIRA, Marcus Vinícius Furtado da Silva. *A arquitetura fractal de Antonio Gramsci: História e política nos Cadernos do Cárcere*. Brasília/Roma: FAP/Fondazione Istituto Gramsci, 2020.
- PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de pós-guerra*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2017.
- PETRA, Adriana; TARCUS, Horacio. *Descubriendo Gramsci a Córdoba: Contribución a un epistolario de José María Aricó (1956-1963)*. Buenos Aires: Políticas de la memoria, n° 13, 2013.
- PONS, Silvio. *A revolução global: História do comunismo internacional (1917-1991)*. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Astrojildo Pereira/Contraponto, 2014.
- TERÁN, Oscar. *Nuestros años sessentas: la formación de la nueva izquierda intelectual argentina (1956-1966)*. Buenos Aires: El cielo por asalto, 1993.
- VACCA, Giuseppe. *Vida e pensamento de Antonio Gramsci (1926-1937)*. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Astrojildo Pereira/Contraponto, 2012.

Recebido em: 08/05/2021 / Aprovado em: 06/08/2021